

# Análise de uma capa da Revista Veja à luz da estética barroca

***Gabriela de P. G. Albuquerque***

Graduada em Letras (UFPE); pós-graduada em Linguística Aplicada ao Ensino de Língua Inglesa (FAFIRE); mestra em Linguística Aplicada (UNITAU).

***José Augusto dos Santos Diniz***

Graduado em Direito (UNISAL); graduado em Letras (UNIFATEA); pós-graduado em Língua Portuguesa: linguagem e literatura (UNIFATEA); pós-graduando em Linguagem Jurídica (UFMG); mestre em Linguística Aplicada (UNITAU).

**RESUMO:** O presente trabalho tem por finalidade o levantamento de características do movimento do Barroco presentes na composição de uma capa de revista da atualidade - Revista Veja de 19 de julho de 2017, edição 2539, em que se noticia a condenação do ex-presidente do Brasil Luiz Inácio da Silva. O objetivo geral da pesquisa foi estabelecer uma comparação entre as características barrocas e a capa analisada. Especificamente, buscou-se verificar a interdiscursividade presente na imagem. Foram utilizadas as noções teóricas sobre o movimento Barroco de Bosi (2006) e Siqueira (2013). Para o histórico das revistas no Brasil e o desenvolvimento do fotojornalismo, esta pesquisa se baseou em Baptista e Abreu (2014) e Kucinski (1991). Concluiu-se que os diversos elementos imagéticos relacionados ao dualismo barroco foram utilizados para expressar posições ideológicas na mídia analisada.

**PALAVRAS-CHAVE:** Revista Veja. Capa de revista. Estética barroca. Interdiscursividade. Dualidade.

**ABSTRACT:** This article seeks to address the characteristics of the Baroque movement present in the composition of a magazine front cover - Revista Veja of July 19, 2017, edition 2539, which reported the conviction of the former president of Brazil Luiz Inácio da Silva. The main aim of the research was to establish a comparison between baroque characteristics and the analyzed material. Specifically, it was intended to verify the interdiscursivity present in the image. The theoretical framework concerning the Baroque movement was based on Bosi (2006) and Siqueira (2013). Regarding the history of magazines in Brazil and the development of photojournalism, this research used the ideas of Baptista and Abreu (2014) and Kucinski (1991). It was concluded that several imagery elements related to baroque dualism were used to express ideological positions in the analyzed front cover.

**KEYWORDS:** Veja Magazine. Magazine front cover. Baroque style. Interdiscursivity. Duality.

Segundo Santaella (2003, p. 127), “É através da linguagem que o ser humano se constitui como sujeito e adquire significância cultural.”. Verifica-se, com isso, a importância do estudo da linguagem para entender a constituição do sujeito. Assim, o presente trabalho tratará sobre a linguagem verbo-visual de uma capa da **Revista Veja**, de 19 de julho de 2017, edição 2539.

O objetivo desta pesquisa busca estabelecer uma comparação entre as características do movimento barroco com a capa mencionada. Especificamente, o trabalho visa verificar as relações interdiscursivas travadas com a imagem da condenação do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

A pesquisa justifica-se academicamente, uma vez que traz contribuições para o estudo da linguagem ao evidenciar as relações contrastivas presentes no movimento do Barroco e responsáveis por criar um efeito de culpado, transcrito na palavra em destaque.

Do ponto de vista teórico, o estudo embasa-se preponderantemente em Baptista e Abreu (2014); Bosi (2006); Siqueira (2013). Metodologicamente, fundamentado em Siqueira (2013), fez-se um levantamento das características do barroco presentes na capa.

Em relação à organização do artigo, sua composição se dá por uma fundamentação teórica, seguida de uma análise, conforme se verificará a seguir.

## FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### **Revista Veja: surgimento e abordagens**

Para compreender a análise a ser feita neste trabalho, é necessário conhecer o lugar ocupado pelas revistas no Brasil e qual a importância da revis-

ta **Veja** no contexto social. Historicamente, revistas brasileiras passaram a circular no começo do século XIX, por meio da Imprensa Régia (BAPTISTA; ABREU, 2014). Por ter, no entanto, uma quantidade pouco expressiva de leitores, os quais se mostravam bastante incipientes, as tiragens eram feitas em número reduzido, o que fazia com que muitas revistas fossem encerradas após poucos números.

No século seguinte, com o crescimento industrial, surgiram publicações variadas, direcionadas a diversos públicos. Objetivando conseguir mais consumidores, os periódicos nacionais passaram a utilizar fotografias em suas páginas. Ainda que, inicialmente, tenham sido empregadas em reconstituições criminais feitas em estúdios fotográficos, tais imagens renovaram o mercado de revistas no país, consolidando “um modelo que veio para ficar: veículos recheados de ilustrações e fotos atraentes aos olhos do consumidor.” (BAPTISTA; ABREU, 2014, p.4).

Mesclando imagens e textos, diversas revistas passaram a usar materiais fotográficos e ilustrações em profusão juntamente com tópicos de interesse dos leitores brasileiro durante os anos 1950. O uso da fotografia atendia a diferentes objetivos: enquanto a revista *Cruzeiro* se dedicava ao leitor médio, com amenidades e matérias de entretenimento; sua principal concorrente, a revista **Diretrizes**, continha reportagens de cunho político durante o Estado Novo de Getúlio Vargas e se dirigia a um leitor mais específico.

É nesse contexto de consolidação do fotojornalismo que ganha força o Grupo Abril, fundado pelo empresário ítalo-americano Victor Civita, que passou a ser o segundo maior grupo de

mídias do país, tendo nas revistas impressas seu ponto forte. Surge, então, na década de 60, a revista **Realidade**, publicada pela Editora Abril S. A. e considerada, segundo Baptista e Abreu (2014), um importante símbolo na história da imprensa no Brasil.

Dirigida por Roberto Civita, filho do dono da editora, a revista **Realidade** era semanal e propunha trabalhar temas que envolviam problemas comuns aos seus leitores, bem como discutir preconceitos e tabus, indo ao encontro da revolução sexual e das profundas transformações sociais da época. Kucinski (1991) afirma que, para o jornalismo brasileiro, a revista **Realidade** trouxe novos padrões estéticos fortemente inspirados no *new-journalism* dos Estados Unidos. O movimento americano representava uma revolução estilística contra as imposições da narrativa telegráfica, trazendo para as páginas das revistas a realidade do jornalista e, assim, trazendo o fato jornalístico para mais perto do leitor. Villalta (2002) ressalta que a média de idade dos jornalistas da revista ficava abaixo dos 30 anos, o que conferia à publicação um tom inovador para os anos 1960.

Kucinski (1991) aponta que a redação da revista era bastante alternativa, diferente dos moldes padrão da sua editora, com jornalistas envolvidos em partidos políticos e uma organização interna que refletia uma mesma posição política editorial. Entretanto, com os militares no poder, houve o fechamento político e o aumento da censura à imprensa por meio de Atos Institucionais, especialmente o AI-5, emitido no fim de 1968. O ato, segundo a jornalista Micheline Gaggio Grank (VILLALTA, 2002), teve grande repercussão interna na Editora Abril, levando a choques

de pontos de vista e ao consequente afastamento da equipe originalmente responsável pela revista. **Realidade** foi cancelada em 1978 após diversas tentativas de reforma e mudanças no tom das reportagens. A editora justificou o cancelamento afirmando que um outro projeto similar, voltado à televisão, seria lançado (BAPTISTA; ABREU, 2014).

Ressalta-se que a editora Abril S.A. já havia lançado outro periódico que atingia o público crítico-político. Em 1968, ainda que muito antes do fim da revista **Realidade**, Victor Civita e Mino Carta lançaram a revista **Veja**. Inicialmente, a revista seguiu os moldes da americana *Life*, que trazia uma gama de assuntos socialmente relevantes aos seus leitores e era fortemente baseada em fotojornalismo, literatura e arte. Apesar de não ser caracterizada como uma revista sobre política, a *Life* incluía, entre seus tópicos de interesse geral, diversas reportagens sobre governantes e suas ações, empreendedores influentes e problemas sociais, tornando-se uma revista de contracultura mais acessível e popular que publicações estritamente políticas.

Revah e Toledo (2011, p. 141), em um levantamento histórico sobre os “anos de chumbo” da ditadura militar brasileira, mostram que a editora Abril faz referência às revistas **Realidade** e **Veja** como publicações que “enfrentaram e sobreviveram ao jugo da censura militar, que proibia uma série de assuntos e reportagens”. No entanto, é importante salientar que a censura à imprensa se mantinha bastante forte. Vários jornalistas, editores e dirigentes críticos ao formato ditatorial foram tirados de seus cargos ou demitidos para que houvesse uma adaptação das revistas à situação política. Segundo Kucinski (1991, p. 43), “a imprensa não

só evitava a temática das torturas, mas ignorava também os processos políticos nas auditorias militares, para não retratar o preso político como vítima.” Após a publicação de reportagens sobre a repressão governamental, a equipe do jornalista Raimundo Pereira, responsável pelas críticas, foi obrigada a sair da redação da **Veja** em dezembro de 1969.

A revista se manteve aberta ao assumir uma nova abordagem jornalística, mais comedida, direcionada ao novo momento econômico vivido no país e ao estilo de vida da classe média brasileira. Para Kucinski (2014, p. 45), o movimento adaptativo de “autocensura” não foi incomum, já que

A euforia vivida pela classe média nutrida no milagre econômico forneceu à grande imprensa a justificativa de mercado para um jornalismo complacente, através de produtos de disseminação cultural, como os fascículos e as revistas de lazer, nos quais o jornalismo crítico era secundário. A visão triunfalista da economia baseada na mitificação do crescimento do PIB (Produto Interno Bruto) monopolizou o noticiário em detrimento da política. Com o fechamento do Correio da Manhã, a linha triunfalista passa a dominar sem grandes dissonâncias.

Bissio (1982, apud KUCINSKI, 1991) reafirma o posicionamento da imprensa brasileira, observando que o governo militar brasileiro, diferente de outros aparelhos estatais ditatoriais estrangeiros, não teve a necessidade de criar seus próprios canais de propaganda. Tal postura, ao longo do tempo, modificou profundamente o conteúdo da revista **Veja**, que passou a assumir

posicionamentos políticos bastante conservadores, principalmente após o ano de 1976.

Nos anos seguintes, durante as décadas de 70 e 80, a revista investiu bastante em publicidade. Entre acertos e erros, que fizeram com que os números e o formato da revista oscilassem, a **Veja** se tornou uma das revistas mais populares do Brasil. Baptista e Abreu (2014, p. 15) ressaltam que, atualmente, a **Veja** “é a revista semanal de informação de maior circulação no Brasil, que chegou a vender 1.200.000 exemplares. **Veja** é considerada a quarta maior circulação, no mercado editorial de revistas semanais de informação, no mundo.”

Devido à sua importância dentro de uma área continental, a **Veja** é reconhecida pela mídia estrangeira principalmente no que diz respeito aos ataques à esquerda política não só no Brasil, mas no mundo todo. A publicação também é associada à defesa da economia de livre mercado e ao liberalismo econômico de forma geral, bem como ao endurecimento na punição de criminosos e ao direito ao porte de armas pela população.

### **A ascensão da esquerda e a Revista Veja**

Levando em consideração o posicionamento conservador e liberalista assumido pela revista **Veja**, é possível entender a abordagem feita pela revista do período de redemocratização do país após o movimento Diretas Já, ocorrido em oposição ao governo militar. Sallum Jr. e Goulart (2016, p. 117) afirmam que

sob o impacto da crise da dívida externa, rompeu-se a coalizão política que sustentou o regime político militar-

autoritário e o Estado varguista até o início da década de 1980, desencadeando-se um processo de transição política que redefiniu a posição dos vários segmentos sociais no sistema de poder, as relações do poder público com a economia e a relação do Brasil com o exterior

Durante o período do governo de transição (1985-1989) e da composição de uma nova Constituição Federal, necessária ao novo regime, eram poucos os defensores da política econômica do nacional-desenvolvimentismo e do Estado maior, o que impulsionou candidaturas à presidência de governantes com discursos neoliberais. Haynes, Dias e Rodrigues (2015) apontam que, previamente as eleições de 89, a revista *Veja* deu destaque ao governador alagoano Fernando Collor, enfatizando sua alcunha de “caçador de marajás” e seu pro-

jeto contra o nepotismo, a máquina onerosa do Estado e a burocracia.

Nas eleições de 1989, Collor já tinha destaque nacional graças à popularidade dada pelas mídias dominantes. Segundo Haynes, Dias e Rodrigues (2015, p. 3),

Na edição de 17 de maio de 1989 da revista *Veja*, foi publicada uma reportagem de ampla cobertura da campanha eleitoral de Fernando Collor. Além de destacar propostas do candidato, foi feita uma abordagem dos bastidores e do desenvolvimento da campanha, cujo slogan era “Vamos colorir o Brasil”.

A figura 1 traz alguns exemplos de capas com o candidato Fernando Collor de Mello, desde o início do seu destaque político à sua campanha presidencial.



FIGURA 1 - Capas da revista *Veja* no período de 1987-1989

Além de sua propaganda pessoal, o candidato neoliberal contou ainda com o fato de os partidos de centro-esquerda não se declararem contra o nacional-desenvolvimentismo. Propunham, sim, sua renovação e a centralização econômica do Estado (SALLUM JR; GOULART, 2016). É importante ressaltar que

A imprensa não deixou de publicar matérias sobre os demais candidatos, mas era notável a preferência por Collor. 'Isso não quer dizer que a mídia fosse simpática aos principais candidatos dessa faixa do espectro, Lula e Brizola, embora ambos tenham, a rigor, obtido espaço jornalístico bastante razoável'. No caso do candidato do PT, um exemplo de desfavorecimento ocorreu em 6 de setembro de 1989, quando Lula apareceu na capa da revista **Veja**

em um momento conturbado da campanha, quando tentava reforçar a candidatura junto aos menos favorecidos. (HAYNES; DIAS; RODRIGUES, 2015, p. 4)

A figura 2 traz alguns exemplos de capas com os candidatos concorrentes de Fernando Collor de Mello, Leonel Brizola e Luiz Inácio Lula da Silva. Ambos defendiam ideias de centro-esquerda e a “desprivatização” estatal.

O candidato defendido pela revista foi eleito. Entretanto, em 1992, sofreu um processo de impeachment e foi substituído pelo vice-presidente Itamar Franco.

Nas eleições seguintes, um novo candidato neoliberal surgiu no cenário político brasileiro: o sociólogo e então Ministro da Fazenda Fernando Henrique Cardoso. A fim de defender seu ponto de vista, a revista **Veja** novamente retratou



FIGURA 2 - Capas da revista **Veja** durante campanha presidencial de 1989 sobre candidatos de centro-esquerda.

o concorrente à Presidência com ar de inovação, segurança e intelectualidade. Pacheco (2008, p. 15) aponta que as capas lançadas anteriormente e durante as eleições de 1994 e 1998, concorridas também por Luiz Inácio Lula da Silva, “revelam um FHC de maneira positiva e Lula de maneira negativa. Para isso, a revista usou diversos processos de conotação, que vão desde os naturais, como: pose, fotogenia, estética e escolha dos objetos, aos artificiais, como a trucagem, por exemplo.”.

A figura 3 traz alguns exemplos de capas da revista **Veja** com o candidato Fernando Henrique Cardoso. No primeiro exemplo, é possível identificar elementos visuais que intensificam a contraposição entre FHC e Lula para a revista. Já o exemplo à direita traz o candidato em uma posição de conhecedor do assunto em diálogo com o leitor.

Reforça-se que, nos governos FHC, acordos com o Fundo Monetário Internacional e os Estados Unidos acarretaram o aumento da dívida externa nacional. Além disso, o governo não reduziu gastos como propunha a cartilha liberalista, causando uma crise econômica entre os anos de 1999-2003.

No cenário político sucessivo, o candidato do Partido dos Trabalhadores Luiz Inácio Lula da Silva foi eleito presidente pelo voto popular nas eleições presidenciais de 2002. Rivarola (2017) explica que a cena político-eleitoral que teve início com a ascensão de Lula, entretanto, foi marcada por volatilidade eleitoral, flutuação política e perda da identidade partidária de vários governantes. O medo da chegada da esquerda brasileira ao poder não ocorreu sem precedentes. Pacheco (2008) mostra que a revista **Veja** constantemente relacionava o candidato do PT a



FIGURA 3 - Capas da revista **Veja** durante as campanhas presidenciais de 1994 e 1998 sobre o candidato Fernando Henrique Cardoso.

um contexto de perigo econômico e político, insegurança e apreensão.

De fato, o governo do presidente Luiz Inácio foi de grandes mudanças. Barral e Bohrer (2012) mencionam que

A partir do governo Lula há uma ênfase na busca por maior protagonismo nos foros internacionais – por exemplo, demandando com mais veemência uma cadeira permanente no Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas (ONU) e participando ativamente do G20. Passou-se a condicionar objetivos antes puramente econômicos a valores políticos. Para Motta Veiga e Rios, houve uma mudança relevante na relação de funcionalidade entre as dimensões política e econômica do período anterior, com a subordinação parcial das estratégias de política econômica externa a objetivos e valores políticos.

Esse investimento no âmbito internacional não só modificou a dinâmica político-econômica do país, mas trouxe reconhecimento para as medidas sociais que foram implantadas. Apesar de as pesquisas mostrarem uma proporção menor do que a anunciada pela propaganda do presidente, projetos como o Bolsa Família e o Fome Zero de fato contribuíram para reduzir as diferenças na distribuição pessoal da renda e a pobreza (FILGUEIRAS;GONÇALVES, 2007).

Além disso, o governo Lula tratou de questões sociais normalmente não enfocadas por governos conservadores, como direitos de minorias. Segundo Santos (2016), esse governo foi o responsável por políticas públicas de saúde e cidadania direcionadas especificamente à promoção e defesa dos direitos LGBT, algo

antes não enfatizado no Brasil. “A presença do então presidente Lula na 1ª Conferência GLBT em maio de 2008 foi representativa do tratamento da questão da livre orientação sexual/identidade de gênero como uma “questão de Estado”. (SANTOS, 2016, p.151).

Como resume Bresser-Pereira (2013, p. 5),

o governo Lula foi um governo bem-sucedido, como demonstraram os altos índices de popularidade alcançados. [...] O governo Lula teve êxito porque logrou quase dobrar a taxa de crescimento, porque diminuiu a desigualdade e melhorou o padrão de vida de milhões de brasileiros, e porque alcançou grande prestígio internacional.

Entretanto, o governo Lula também foi marcado por diversos problemas e escândalos políticos. Goldstein (2011) pontua o “escândalo do mensalão”, ocorrido em 2005, como o marco da agravação dos conflitos políticos no país, bem como um acontecimento que determinou mudanças bruscas no posicionamento dos meios de comunicação frente à política nacional. Tal escândalo dizia respeito a diversas denúncias sobre uma rede de corrupção composta por vários integrantes da cúpula do partido dos Trabalhadores que envolvia as eleições, pagamento de propina a legisladores e envolvimento com empresários.

A partir desse evento, diversas tentativas de mudança nos componentes do governo foram feitas, mas sem sucesso em relação à exposição na mídia. Aldé, Mendes e Figueiredo (2007) evidenciam que



na produção do impresso diário, o que vemos são diferenças no tratamento conferido aos candidatos, de amplificação de certos temas negativamente associados a Lula, contraposto à benevolência no tratamento de temas espinhosos relacionados aos seus adversários.

Apesar da queda que esse movimento midiático gerou na sua popularidade, o então presidente Luiz Inácio se manteve com índices bons de aprovação, conseguindo eleger a candidata que estava apoiando nas eleições de 2010 e 2014, sua ex-ministra, Dilma Rousseff.

Salienta Aquino (2016, p. 251) que havia uma imensa diferença entre “a completa posse de carisma de Lula contrapondo-se à integral ausência de empatia de Dilma. O fato é que a inabilidade radical com o outro, que seria uma característica dilmista, é exatamente o inverso da política por sedução de Lula.”.

Tal discrepância gerou diversos impasses durante o governo Dilma, no qual a popularidade do Partido dos Trabalhadores chegou aos seus piores índices. O repúdio à política e a segregação ideológica aumentaram, culminando com o impeachment da presidenta no ano de 2016. Aquino (2016, p. 251) apresenta a fala do professor Tales Ab’Sáber, em que ele afirma que “é preciso olhar para essa questão sob o viés de uma complexa gestão do poder cujos efeitos perpassaram inescapavelmente pelo corpo carismático do ex-presidente Lula”.

Feitas essas ponderações acerca da Revista Veja e o ex-presidente Luiz

Inácio Lula da Silva, passar-se-á a uma breve análise do movimento barroco e suas principais características.

## **O movimento Barroco e suas principais características**

Segundo Siqueira (1993), o fato de o Barroco ter sido renegado em sua época fez que a origem do próprio nome fosse ignorada. De acordo com análise do nome, verifica-se:

Durante o século XVIII o termo foi empregado com sentido claramente depreciativo pela crítica racionalista. ‘...O DICTIONNAIRE DE TRÉVOUX, em 1743, recolhe e sanciona este emprego do vocábulo: Barroco se diz assim ao figurado como irregular, bizarro, desigual...’ (AGUIAR E SILVA, 1984, p. 442). Em 1757, o DICTIONNAIRE PORTATIF DE PEINTURE, SCULPTURE ET GRÁVURE de A.J. Pernety define o termo da seguinte forma: ‘... Barroco, o que não está segundo as regras de proporções, mas do capricho...’ (AGUIAR E SILVA, 1984, p. 443). Em 1797, Francesco Milizia, refere-se ao termo também de forma depreciativa: ‘Barroco è il superlativo del bizarro, l’excesso del ridicolo...’ (GARCIA MOREJÓN, 1965, p. 08). Em 1888, Quatremère de Quincy ao analisar a arquitetura na ENCYCLOPÉDIE METHODIQUE, se referiu ao Barroco arquitetônico como ‘nuance de bizarro...’ (AGUIAR E SILVA, 1984, p.443). (SIQUEIRA, 1993, p. 2).

No Brasil, encontram-se ecos do movimento Barroco europeu nos séculos XVII e XVIII. Para Bosi (2006),

é perfeitamente possível falar em um Barroco brasileiro, sobretudo mineiro, uma vez que se verificam traços do movimento na arquitetura, na escultura, na vida musical. Destacam-se nomes como Gregório de Matos, Botelho de Oliveira, Frei Itaparica, Aleijadinho, Manuel da Costa Ataíde, Lobo de Mesquita, Marcos Coelho, dentre outros.

Wölfflin (1915 apud Siqueira 1993) apresenta cinco categorias de oposição entre o Classicismo e o Barroco, o que permite, por meio do contraste, verificar as características e as peculiaridades dos movimentos. Na primeira categoria, enquanto o Classicismo se liga à linearidade, o Barroco se volta para o pictórico. O primeiro define os objetos com nitidez, conduz o olhar e limita os volumes, as formas. Já, no segundo, há imprecisão, os objetos são mais isolados, ligando-se por passagens suaves.

A segunda categoria está associada à questão de planos e de profundidade. Siqueira (1993) faz uma analogia com um bolo, mencionando que, no primeiro, os recheios não se misturam e, no segundo, sim. Enquanto no Classicismo os planos são bem definidos, identificáveis com precisão; no Barroco, o olhar não caminha por etapas, vai-se do primeiro ao último plano sem interrupção.

Na terceira categoria, opõem-se forma fechada e aberta. De acordo com Siqueira (1993, p. 5-6),

O Classicismo possui forma fechada, as obras possuem eixos de construção estáveis e claros, verticais e horizontais. Além disso, a forma fechada pressupõe uma suficiência de composição, o espectador vai observar

um universo dado, construído pelo olhar do artista que tem pleno conhecimento do Cosmo. Nesta categoria, Wölfflin introduz também a idéia de que o classicismo representa os objetos numa permanência atemporal, por isso permanecerão sempre os mesmos, vistos da mesma maneira. O Barroco apresenta forma aberta, as obras preferem o dinamismo das diagonais, ao mesmo tempo, extravasam os limites físicos de seus suportes, apresentando imagens, objetos fragmentados. Os limites físicos do quadro, o suporte da escultura, a própria estrutura arquitetônica, não contêm mais a cena, a forma, a construção, que se transbordam para o exterior. O observador é levado a olhar o instante que passa, a transitoriedade da vida, visto que o mundo escapa ao domínio do artista. Enquanto forma aberta, o Barroco exige também a participação do espectador, ele atua, interage com a obra, que se movimenta, se desloca de acordo com o fruidor.

Na quarta categoria, são opostas a multiplicidade do Classicismo e a unidade do Barroco. O caráter múltiplo da obra clássica se deve ao fato de cada elemento existir por si só e se articular com o todo. Já a característica de unidade do barroco faz desaparecer a autonomia dos elementos, os quais estão interligados ao conjunto, emergindo de um fluxo único (SIQUEIRA, 1993).

Por fim, a quinta categoria traz uma oposição entre clareza absoluta e relativa. A primeira, característica do Classicismo, faz com que haja homogeneidade em todo o quadro, iluminando da mesma forma todos os detalhes. A segunda, marca do Barroco, privilegia alguns pontos, obscurecendo outros.

É, em síntese, o claro-escuro que dá um tom dramático para as formas barrocas.

## ANÁLISE DA CAPA DA REVISTA VEJA

A presente seção busca analisar a linguagem verbo-visual de uma capa da Revista Veja, de 19 de julho de 2017, edição 2539. Optou-se pela análise da linguagem visual inicialmente, tendo em vista ser o foco da presente análise.

No que toca à linguagem visual, na referida capa, encontra-se a imagem do ex-presidente da República Luiz Inácio da Silva, o qual com a mão sobre a face deixa transparecer preocupação, devido aos indícios de sua culpabilidade e conseguinte condenação.

A presente análise trava um diálogo com o movimento artístico do Barroco, tendo em vista características como estética do feio (ou do grotesco), antíteses, hipérboles, retórica persuasiva, dentre outras, fazerem-se presentes.

Segundo Siqueira (1993, p. 30), em uma comparação com o movimento clássico, “O Barroco não tem medida, limites, inclina-se para um pólo ou para outro, para o contraste, procurando a surpresa e o assombro, e suas criações têm a forma e tons hiperbólicos.”.

A fotografia do ex-presidente reforça o feio, o grotesco, o horrível. Tais características, à época áurea do movimento Barroco, buscavam, por meio do reforço da imperfeição e da disformidade existente na natureza humana, reforçar a transitoriedade da vida do homem (SIQUEIRA, 1993).

De acordo com Silva (2013),

O grotesco está presente não só nas artes, como na vida contemporânea do ser humano, com um sentido de ridicularidade e de excentricidade associado ao feio. O conceito de grotesco caracteriza-se pela possibilidade de um mundo constituído por seres humanos e seres não humanos deformados, inseridos num contexto fantasioso fabricado por alternativas da realidade. O grotesco associa-se ao choque, na medida em que este é um efeito do grotesco, despoletado por sensações sensacionalistas opostas ao sublime.



29/10/2014



29/07/2015



05/03/2016



16/03/2016



21/09/2016



26/04/2017



Na capa, o feio e por que não dizer o grotesco e o horrível se fazem presentes na aparência preocupada do ex-presidente (o que se reforça por meio das marcas de expressão), na ênfase dada à pele envelhecida e, sobretudo, na deformidade em evidência. Nota-se que a Revista *Veja* de forma despuddorada salienta a deficiência física de Lula, a fim de acentuar o grotesco e provocar uma sensação de desconforto.

Ao se evidenciar o horrível na capa, busca-se apontar a queda de um dos homens mais importantes do país, isto é, reforça-se a concepção barroca da transitoriedade. Para a estética Barroca, conforme mencionado, deixa-se saliente o feio como forma de mostrar que não existe o eterno. Associando tal ideário à imagem, evidencia-se que o poder não é absoluto, mas sim sujeito às oscilações.

Nas Artes Plásticas, a figura de linguagem denominada antítese aparece no contraste (SIQUEIRA, 1993). Na capa da revista analisada, verifica-se o contraste claro versus escuro. Busca-se com esse efeito criar a dualidade presente no cotidiano humano. Evidencia-se a tomada de consciência, por meio da mão sobre a face na parte clara da imagem, em contraste com a prática de atos ligados à corrupção representada pela parte escura.

No que toca à hipérbole, Siqueira (1993, p. 36-37) afirma:

É uma afirmação exagerada. O desejo de exprimir intensamente o sentido da existência é expresso no abuso da hipérbole, ou na exacerba-

ção das paixões e sentimentos, na intensidade da dor amorosa, do ciúme, do arrependimento, do desejo sexual, no gosto das emoções fortes, do espetáculo aterrador da morte, nas alucinações, no fantástico.

De fato, na imagem da capa analisada, verifica-se que a posição das mãos, os olhos fechados e a face cabisbaixa reforçam de forma acentuada a culpa do ex-presidente. Notam-se, ainda, pela mão, marcas de envelhecimento, representando luta, a qual fora deixada de lado ao se aderir às práticas corruptas, representadas pelo escuro, na imagem.

Em relação à linguagem verbal, deve-se observar a predominância de uma retórica persuasiva. Para Siqueira (1993, p. 35),

Na esfera da arte, no período Barroco, há uma explosão de luxo, riqueza, esplendor visual. Todos os recursos alegóricos e simbólicos são usados para provar aos fiéis os artigos da fé. Convencê-los da verdade dos dogmas católicos. Da mesma forma, os recursos alegóricos e simbólicos servirão para convencer os súditos de que são governados por um rei escolhido, unguído por Deus.

Ao se colocar em letras garrafais o adjetivo culpado, reforça-se que o ex-presidente não é inocente. A revista busca associar a figura de Lula à de um réu sentenciado, não deixando dúvidas de que ele praticou os crimes mencionados no subtítulo. Este, por sua vez, acentua a culpa do ex-presidente por

meio do numeral ordinal primeiro e do adjetivo condenado.

Isso porque, ao se afirmar que Lula tornou-se o primeiro presidente a ser condenado pelos crimes de corrupção e de lavagem de dinheiro, liga-se o ex-presidente a uma imagem de precursor, de iniciador de práticas de crimes realizadas por um presidente.

Somado a isso, a cor branca das letras representa a restauração da ordem, da racionalidade em oposição ao escuro. O vermelho, por sua vez, associa-se à cor do partido ao qual o ex-presidente é vinculado. Simboliza o declínio partidário com a condenação do principal líder. Por fim, traz-se também a palavra mais, a qual introduz possíveis perguntas que deverão ser feitas pelos leitores: Ele vai para a prisão? Ele pode ser candidato a presidente?

Tais questionamentos se mostram corriqueiros, tendo em vista a atual conjuntura social de descrença nos políticos. A esses questionamentos, a revista se promove como a responsável pela elucidação dos mistérios e, por conseguinte, como a responsável por

trazer clareza para a fase obscura marcada pelo escuro da capa.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após se fazer um levantamento do histórico da Revista Veja, responsável por disseminar posições ideológicas, buscou-se fazer uma análise de características da estética barroca presentes na Capa de uma edição da revista, as quais foram responsáveis por criar uma imagem de culpa do ex-presidente.

Isso se deve à disposição dos contrastes, à evidência da deformidade e ao emprego do hiperbólico, que viabilizaram uma conexão entre a linguagem visual e verbal.

Ressalta-se que tal leitura embasada na Estética Barroca não teve pretensões de ser exaustiva. Pretendeu-se apenas fazer uma análise verbo-visual como vistas a evidenciar a importância das múltiplas leituras e suas contribuições para a criação dos diferentes efeitos imagéticos.



## REFERÊNCIAS

ALDÉ, A.; MENDES, G.; FIGUEIREDO, M. **Tomando partido: imprensa e eleições presidenciais em 2006**. Política e Sociedade. Santa Catarina, n. 10, 2007.

AQUINO, F. **Política do ódio e a nova ordem de violências**. Galaxia. São Paulo, online, n. 33, set.-dez., 2016, p. 250-253.

BAPTISTA, Í.C.Q.; ABREU, K. C. K. **A história das revistas no Brasil: um olhar sobre o segmentado mercado editorial**. Revista Científica Plural, 2014.

BOSI, ALFREDO. Ecos do Barroco. In: **Histórica concisa da Literatura Brasileira**. São Paulo: Cultrix, 2006.

BRESSER-PEREIRA, L. C. **Novos Estudos - CEBRAP**. 2013, pp. 5-14.

COSTA SANTOS, G. G. Diversidade sexual, partidos políticos e eleições no Brasil contemporâneo. **Revista Brasileira de Ciência Política**, n. 21. Brasília, 2016, pp. 147-186.

COSTA, Cristina. A diferença entre o belo e o bonito. In: **Questões de arte**. São Paulo: Moderna, 2004.

FILGUEIRAS, I.; GONÇALVES, R. **A economia política do Governo Lula**. São Paulo: Contraponto, 2007.

FIORIN, José Luiz. O dialogismo. In: **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. 2.ed. 1ª reimpr. São Paulo: Contexto, 2017.

GOLDSTEIN, A. A. **Los conflictos entre los medios y los gobiernos sudamericanos: el caso del primer gobierno de Lula Da Silva en Brasil**. Argumentos. Revista de crítica social, 2011.

HAYNES, E., DIAS, F., RODRIGUES, G. **Da ascensão à queda: uma análise da cobertura da revista Veja durante o governo Collor**. Maxwell – Coletânea Digital PUC Rio, 2015.

KUCINSKI, B. **Jornalistas e revolucionários: nos tempos da imprensa alternativa**. São Paulo: Scritta Editorial, 1991. <Disponível em: [http://kucinski.com.br/pdf/livros\\_jornrevPrint.pdf](http://kucinski.com.br/pdf/livros_jornrevPrint.pdf) Acesso em: 25 de agosto de 2017.>

PACHECO, C. A. D. **Veja FHC, Veja Lula:**

análise dos discursos de capa da revista **Veja** sobre os dois candidatos à presidência. **Revista Anagrama – Revista Interdisciplinar da Graduação**, Ano 1, 3. ed., 2008.

REVAH, D.; ALMEIDA TOLEDO, M. R. O regime militar na (des)memória da editora Abril: a revista escola e a difusão da lei 5.692/71. **Revista História da Educação**, vol. 15, n. 33, 2011, pp. 137-161 <Disponível em: <http://www.redalyc.org/pdf/3216/321627140007.pdf> Acesso em: 25 de agosto de 2017.>

RIVAROLA, M. D. R. Saudade do partido: referencias nostálgicas entre militantes de las bases de sustentación de los gobiernos argentinos y brasileiros (2003-2015). **Rev. Sociol. Polit.**, v. 25, n. 62, p. 37-61, 2017.

SANTAELLA, Lúcia. Formas de socialização na cultura digital. In: **Cultura e artes do pós-humano: da cultura das mídias a cibercultura**. São Paulo: Paulus, 2003.

SIQUEIRA, Sônia. **A estética do Barroco**. Quadrante. v.1. n.1. p.1-52. Set., 1993.

VILLALTA, D. **O surgimento da revista Veja no contexto da modernização brasileira**. XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação - Anais, 2002.

